

A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 4

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 4

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>A educação no âmbito do político e de suas tramas 4 [Recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A educação no âmbito do político e de suas tramas; v. 4)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-868-7 DOI 10.22533/at.ed.687192312</p> <p>1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Políticas públicas. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.81</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas” foi pensado de modo que pudesse reunir pesquisas sobre educação de diversas partes do Brasil. Fazendo um apanhado de discussões atualizadas e apresentando um conjunto de resultados e experiências inovadoras, visando contribuir com a educação, sobretudo, no âmbito político e suas tramas.

São 122 artigos divididos em 4 Volumes sendo que, **neste Volume 4** trazemos 29 artigos divididos entre as temáticas da Formação Continuada, Formação para a Cidadania, Formação Docente e Leitura e Educação.

No **Volume 1**, os artigos foram reunidos em torno de temáticas voltadas para Educação Infantil, Ensino Médio, Educação Superior e Ambiente Virtual de Aprendizagem, totalizando 33 textos inéditos.

O **Volume 2**, os temas selecionados foram Educação e Inclusão Escolar e Social, Arte e Cultura, Saúde e Educação. São 31 artigos que chamam para um diálogo provocante e construtivo. O índice é um convite a leitura.

O **Volume 3**, são 18 artigos em torno da temática Interdisciplinaridade e 11 artigos relatando propostas e experiências sobre Administração Escolar.

Sejam bem-vindos ao e-book “A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas”.

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

FORMAÇÃO CONTINUADA

CAPÍTULO 1	1
A INTERDISCIPLINARIDADE NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: DISCURSOS E REFLEXÕES INICIAIS NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO	
Sebastiani Stamm Hirsh Brambilla Jislaine da Luz Sílvia Cândida de Oliveira Dill	
DOI 10.22533/at.ed.6871923121	
CAPÍTULO 2	14
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS EM SANTANA DO IPANEMA: EXPERIÊNCIAS EM FOCO	
Wellyngton Chaves Monteiro da Silva Lanielle Ramos da Silva Maciane Rodrigues Feitosa Miriane Rodrigues Feitosa Rayane Souza Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.6871923122	
CAPÍTULO 3	24
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: AS “EVIDÊNCIAS” DA GLOBALIZAÇÃO EM DOCUMENTOS DO BANCO MUNDIAL	
Julio Antonio Moreto	
DOI 10.22533/at.ed.6871923123	
CAPÍTULO 4	39
O OLHAR DOS FORMADORES A PARTIR DE UMA FORMAÇÃO CONTINUADA SOBRE AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA	
Waléria de Jesus Barbosa Soares Carlos André Bogéa Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.6871923124	
CAPÍTULO 5	49
POSSIBILIDADES E LIMITES PARA FORMAÇÃO CONTINUADA <i>ONLINE</i> DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA	
Wilson Teixeira da Silva Daise Lago Pereira Souto	
DOI 10.22533/at.ed.6871923125	
CAPÍTULO 6	60
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INTEGRAL E O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO: ESPAÇOS, TEMPOS E SABERES	
Everaldo Dias Matteus	
DOI 10.22533/at.ed.6871923126	

FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA

CAPÍTULO 7	70
A ESCOLA ATUAL E A RESPONSABILIDADE DA FORMAÇÃO DO CIDADÃO CRÍTICO E SOCIAL	
Eber Silva Ostemberg	
DOI 10.22533/at.ed.6871923127	
CAPÍTULO 8	81
50 ANOS DE MOBRL EM SANTOS: A EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DURANTE O GOVERNO MILITAR	
Thalita Di Bella Costa Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.6871923128	
CAPÍTULO 9	95
A AUTONOMIA COMO ESTRATÉGIA PARA A APRENDIZAGEM COLABORATIVA E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA	
Max Augusto Franco Pereira	
Henrique Nou Schneider	
DOI 10.22533/at.ed.6871923129	
CAPÍTULO 10	108
CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DO SUJEITO CRÍTICO NA CONTEMPORANEIDADE	
Dagmar Braga de Oliveira	
José Elyton Batista dos Santos	
Manoel Messias Santos Alves	
Bruno Meneses Rodrigues	
Willian Lima Santos	
DOI 10.22533/at.ed.68719231210	
CAPÍTULO 11	115
ENTRE O POPULAR E O FORMAL: DESAFIOS DO PROJETO TECENDO A CIDADANIA NO CAMPO - PRONERA EJA	
Cláudia Valéria de Assis Dansa	
Joice Marielle da Costa Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.68719231211	
CAPÍTULO 12	129
OS DIREITOS HUMANOS COMO ELEMENTO TRANSDISCIPLINAR DOS CURRÍCULOS JURÍDICOS: A BUSCA DE UMA FORMAÇÃO VOLTADA À CIDADANIA	
Lana Lisiêr de Lima Palmeira	
DOI 10.22533/at.ed.68719231212	
CAPÍTULO 13	135
QUALIDADE SOCIAL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR COMO FORMAÇÃO HUMANA E A SUPERVISÃO EDUCACIONAL: UM PENSAR E UM FAZER EM CONSTRUÇÃO	
Sandra Cristina Tomaz	
Margarida Montejano da Silva	
Charles Durães Leite	
DOI 10.22533/at.ed.68719231213	

FORMAÇÃO DOCENTE

- CAPÍTULO 14** 147
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA NA UFPI: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO CURRÍCULO VIGENTE E DO ANO 2000
Antonia Dalva França de Carvalho
Lya Raquel Oliveira dos Santos
DOI 10.22533/at.ed.68719231214
- CAPÍTULO 15** 158
ANÁLISE DOS ASPECTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS DE DOCUMENTÁRIOS NA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA ÊNFASE NA PROBLEMATIZAÇÃO
Tatiane da Silva Santos
Joanna Angélica Melo de Andrade
Divanizia do Nascimento Souza
DOI 10.22533/at.ed.68719231215
- CAPÍTULO 16** 170
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR COMO UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA REFLEXIVA E FORMATIVA
Anaína Souza Santana
Maria Aparecida Antunes Moreira
DOI 10.22533/at.ed.68719231216
- CAPÍTULO 17** 181
INTEGRANDO TIC E PRÁTICAS DE PESQUISA – ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DA METODOLOGIA WEBQUEST NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Melise Peruchini
Karla Marques da Rocha
DOI 10.22533/at.ed.68719231217
- CAPÍTULO 18** 194
MOVIMENTO DE RECONFIGURAÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE DE FORMADORES NA ACIDES E OS SABERES MOBILIZADOS NO ENSINO POLICIAL MILITAR: LIMITES E POSSIBILIDADES
Benôni Cavalcanti Pereira
Kátia Maria da Cruz Ramos
Ivanildo Cesar Torres de Medeiros
DOI 10.22533/at.ed.68719231218
- CAPÍTULO 19** 208
O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA SEGUNDO A TEORIA DA EVOLUÇÃO DE DARWIN: FORMAÇÃO DE PROFESSORES
Vanessa Minuzzi Bidinoto
Maria Guiomar Carneiro Tommasiello
DOI 10.22533/at.ed.68719231219
- CAPÍTULO 20** 219
O POSICIONAMENTO DOS ACADÊMICOS ACERCA DA FRAGMENTAÇÃO DA FORMAÇÃO NO CEFD/UFMS E AS POSSIBILIDADES PARA FORMAÇÃO AMPLIADA
Adelina Lorensi Prietto
Gabriel Vielmo Gomes
Gilmar Belitz Pereira Junior

Gislei José Scapin
Maristela da Silva Souza
DOI 10.22533/at.ed.68719231220

CAPÍTULO 21 230

PRÁTICA ENQUANTO COMPONENTE CURRICULAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Lucinara Bastiani Corrêa
Juliana Mezzomo Cantarelli
Michele Moraes Lopes

DOI 10.22533/at.ed.68719231221

LEITURA E EDUCAÇÃO

CAPÍTULO 22 239

O TEMPO VOA: UMA EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA NA PRODUÇÃO DE UMA RADIONOVELA

Luiza Rorato de Oliveira
Caroline Valente Comassetto
Rosana Cabral Zucolo

DOI 10.22533/at.ed.68719231222

CAPÍTULO 23 248

LETRAMENTOS E MULTILETRAMENTOS NA ESCOLA: REFLETINDO SOBRE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESPANHOLA

Marina Mercado Soares Gaúna
Karla Ferreira Costa

DOI 10.22533/at.ed.68719231223

CAPÍTULO 24 263

EDUCOMUNICAÇÃO: UM PROJETO DE INSERÇÃO SOCIAL NA ESCOLA DESEMBARGADOR MILTON ARMANDO POMPEU DE BARROS EM COLÍDER – MATO GROSSO

Leandro José do Nascimento
Adriano Eulálio Araújo
Maria José Basso Marques
Regina Uemoto Maciel Martins

DOI 10.22533/at.ed.68719231224

CAPÍTULO 25 273

AS ATRIBUIÇÕES DA APRENDIZAGEM SOB A EFETIVAÇÃO DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO

Sandra Andrea Souza Rodrigues
Suely Cristina Silva Souza
Cosme dos Santos Montalvão

DOI 10.22533/at.ed.68719231225

CAPÍTULO 26 284

A LEITURA DE LEITE NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Simone de Souza Silva
Márcia da Silva Lima Luna

DOI 10.22533/at.ed.68719231226

CAPÍTULO 27	295
BOLIN (BOLETIM LINGUÍSTICO E LITERÁRIO): UM JORNAL ESCOLAR NO INSTITUTO FEDERAL DO SUDESTE DE MINAS GERAIS – CAMPUS RIO POMBA DESENVOLVIDO EM 2014	
Josimar Gonçalves Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.68719231227	
CAPÍTULO 28	307
MEMÓRIAS DE LEITURA E ESCRITA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE	
Maurecilde Lemes da Silva Santana	
DOI 10.22533/at.ed.68719231228	
CAPÍTULO 29	320
O USO DA LINGUAGEM LOGO NO ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Jefferson Felipe Albuquerque Cavalcante	
Vanio Fragoso de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.68719231229	
SOBRE O ORGANIZADOR	327
ÍNDICE REMISSIVO	328

A LEITURA DELEITE NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Data de aceite: 09/12/2018

Simone de Souza Silva

Secretaria Municipal de Educação de Maceió
Maceió - Alagoas

Márcia da Silva Lima Luna

Secretaria Municipal de Educação de Maceió
Maceió - Alagoas

RESUMO: O espaço da leitura para o encantamento ou deleite em meio a cultura organizacional da escola e o uso do texto literário como mote reverberador do deleite são os fios que tecem esse artigo. Para tanto pensar se a escola tem oportunizado espaço para a leitura deleite, aquela que envolve o leitor sem cobrar nada dele. Tecemos algumas inquietações: Ela tem ocupado lugar no planejamento dos professores? Será que temos desprezado o que é essencial na formação do sujeito enquanto ser humano? É importante considerar o diálogo entre os elementos da cultura organizacional escolar e a cultura da leitura deleite, o professor precisar viver esse encantamento pela leitura dentro e fora da escola e encontrar dentro desse espaço um local de partilha, de conquistas e dificuldades em realizá-las. A leitura deve ser partilhada como uma experiência para toda vida. De certo que existe uma trajetória de formação

dos sujeitos na escola para além dos conteúdos escolarizados, uma formação que subsidie os estudantes com ferramentas de sobrevivência no mundo globalizado. A escola precisa mediar aprendizagens para além do desenvolvimento cognitivo. Considerando ser a leitura uma experiência para toda vida, deve ser a escola *locus* de aprendizagens significativas em relação à leitura literária. O referencial teórico tem como base as contribuições de LIBÂNEO (2005), SILVA (2006), GERALDI (1997), entre outros. Suscitamos para a importância da formação do deleite literário na cultura organizacional escolar e no desenvolvimento do gosto pela leitura das crianças em processo de alfabetização.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Leitura deleite; Cultura organizacional;

READING DELIGHT IN SCHOOL ORGANIZATION

ABSTRACT: The reading space for enchantment or delight within the school's organizational culture and the use of the literary text as a reverberating motto for delight are the threads that weave this article. So think if the school has opportunity for reading delight, one that involves the reader without charging him anything. We have some concerns: Has it taken a place in

teacher planning? Have we neglected what is essential in the formation of the subject as a human being? It is important to consider the dialogue between the elements of the school organizational culture and the culture of reading delight, the teacher need to live this enchantment for reading inside and outside the school and find within that space a place of sharing, achievements and difficulties in achieving them. . Reading should be shared as a lifetime experience. Certainly there is a trajectory of subject formation in school beyond the schooled contents, a formation that subsidizes students with survival tools in the globalized world. The school needs to mediate learning beyond cognitive development. Considering that reading is a lifelong experience, it should be the locus for meaningful learning from literary reading. The theoretical framework is based on the contributions of LIBÂNEO (2005), SILVA (2006), GERALDI (1997), among others. We raised the importance of the formation of literary delight in the school organizational culture and in the development of reading literacy of children in the process of literacy.

KEYWORDS: Reading; Reading delight; Organizational culture;

INTRODUÇÃO

“O pensamento é como a águia que só alça voo nos espaços vazios do desconhecido” (Alves, 2003, p.56)

Pensar a escola enquanto instituição social que visa à apropriação de saberes é percebê-la como promotora de pensamento, como bem disse Alves (2003), visto que ela se depara cotidianamente com sujeitos em busca de voos. Disse Libâneo (2005, p.17) que a “[...] escola existe para formar sujeitos preparados para sobreviver nesta sociedade e, para isso, precisam da ciência, da cultura, da arte, precisam saber coisas, saber resolver dilemas, ter autonomia e responsabilidade [...]”. Certamente a escola precisará garantir e selecionar oportunidades de aprendizagens, nas quais as crianças vejam sentido e façam uso desses saberes, fora dos muros da escola.

Diante do muito que compete à escola na formação do estudante, focamos nosso diálogo nas contribuições da leitura deleite nos processos de desenvolvimento humano. Para Geraldi (1997, p. 174) leitura para o deleite é “ir ao texto sem perguntas previamente formuladas, sem querer escrutiná-lo por minha escuta, sem pretender usá-lo: despojado, mas carregado de história. É o que pode ser chamado de *leitura-fruição*”.

Vale salientar que não nascemos amando livros e leituras, pois “aprende-se ler à medida que se vive” (LAJOLO, 2006, p.7). É na escola que temos um espaço privilegiado para ampliação do nível de letramento do sujeito. Letramento é o “[...] resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de

ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 1998, p.18). Mas, será que a escola tem dado espaço para a leitura deleite? Tem esse tipo de leitura que envolve o leitor, sem cobrar nada dele, lugar nos planejamentos dos professores? Para que serve a escola afinal? Será que temos desprezado o que é essencial na formação do sujeito enquanto ser humano?

De certo que existe uma trajetória de formação dos sujeitos na escola para além dos conteúdos escolarizados, uma formação que subsidie os estudantes com ferramentas de sobrevivência no mundo globalizado. Além de refletir sobre a leitura deleite, sobre a função social da escola, tecemos neste artigo considerações acerca da cultura organizacional escolar, no que se refere ao espaço ocupado pela leitura e os impactos dela na vida do estudante, considerando que para compreender a relação da leitura deleite na escola, faz-se necessário o entendimento de determinados processos históricos da instituição:

“A compreensão da cultura enquanto práxis, o significado de cultura como conjunto de práticas que conferem determinados significados aos lugares, aos indivíduos e aos grupos, inscreve-se no propósito de construir possibilidades de investigações histórico-educativas” (SILVA, 2006, p. 208)

Para compreender a cultura escolar é preciso olhar para seu conjunto de práticas repletas de significados diferentes, tendo como parâmetro a sua constituição de comportamentos, mitos e tradições particulares. De constituição bastante particular, a escola sofre diretamente influência da Cultura, entendida aqui como todo o aparato que se constitui fora da escola, mas que se faz presente no ambiente escolar a partir dos sujeitos que a constituem.

Portanto, sendo a escola um espaço influenciado pela Cultura, é preciso considerar que fora dos muros da escola existe funcionalidade para a leitura, o que parece se perder quando esta é didatizada, transformada em objeto técnico. Incontestavelmente, a leitura ocupa lugar fundante na formação intelectual do sujeito, e é fora da escola que os estudantes dão sentido a ela. É chegado o tempo de a escola promover a leitura que leve o estudante à reflexão.

A escola precisa mediar aprendizagens para além do desenvolvimento cognitivo. Considerando ser a leitura uma experiência para toda vida, deve ser a escola lócus de aprendizagens significativas em relação à leitura literária.

CULTURA ORGANIZACIONAL ESCOLAR: EM BUSCA DA CULTURA DA LEITURA PARA O DELEITE

Cultura é termo complexo, que segundo Oliveira (2015, p.1) é “[...] a forma ou jeito comum de viver a vida cotidiana na sua totalidade por parte de um grupo humano”. São os contextos sociais que proporcionam experiências diferenciadas.

Consideramos que existem culturas, no plural, não permitindo um termo, no singular, representar todos aspectos de um grupo social.

Partindo da premissa que temos culturas e que estas afetam diretamente a escola, visto que ela é uma instituição social, que leva para dentro de seu espaço físico valores, normas, atitudes ou comportamentos vivenciados fora dessa organização. É preciso ponderar que não existem amarras na cultura, nem para a escola. Para Libâneo (2005, p. 19) “[...] educamos ao mesmo tempo para subjetivação e a socialização, para a autonomia e para investigação social, para as necessidades sociais e culturais e para a crítica e produção de estratégias inovadoras”.

A leitura literária deve ocupar a rotina da organização escolar. É a leitura deleite estratégia privilegiada de formação do sujeito. Segundo Lajolo (2006, p.105) “A literatura constitui modalidade privilegiada de leitura, em que a liberdade e o prazer são virtualmente ilimitados”. O momento para o deleite deve vir como experiência que gera encantamento, prazer e favorece o pensar. É ferramenta para elevar o nível de letramento do sujeito e a escola é este espaço de encontro para a leitura literária.

Pensar a escola na condição de espaço para promoção da leitura deleite é buscar reconhecer a cultura escolar e suas alterações, como também seus elementos. Elementos estes que parecem dialogar diretamente com a leitura. Observemos os elementos e a possibilidade de diálogo, entre eles e a cultura da leitura:

[...] relações interpessoais na escola, comunicação entre pessoas na escola, cooperação entre os membros do quadro de pessoal pedagógico relativo à escola superior, participação partilhada em trabalhos, identificação dos alunos, professores e outras pessoas da comunidade escolar com a própria escola, cooperação com a comunidade educativa e com o espaço físico da escola. (MILAN, 2007, p.69)

Os elementos da cultura organizacional escolar e a cultura da leitura deleite dialogam entre si. Para que ela, a leitura deleite, aconteça e provoque encantamento no estudante, é preciso conceber como os docentes se relacionam com a leitura dentro e fora da escola, se partilham suas conquistas e dificuldades em realizá-la, enfim, se existe dentro da escola uma rede de cooperação e promoção da leitura. É importante conhecer as práticas culturais da escola, o seu *habitus* com a leitura, para que na sala de aula o encantamento com a mesma de fato aconteça. (*Habitus* é um conceito pontuado por Bourdieu (1999)- mediação universalizante que faz com que as práticas sem razão explícitas e sem intenção significativa de um agente singular sejam, no entanto “sensatas”, “razoáveis” e objetivamente orquestradas.)

Segundo Libâneo (2005, p. 16), “[...] decisões precisam ser tomadas e ações imediatas e pontuais precisam ser evitadas, visando promover mudanças qualitativas no desenvolvimento e na aprendizagem dos sujeitos”. Inegavelmente é preciso oportunizar a leitura deleite na escola, não de forma pontual. Pelo contrário,

torna-se premente garantir que ela ocorra sempre, e promova aprendizagens e experiências prazerosas. Conceber a escola enquanto espaço promotor de leitura é entender que:

A leitura tem de ser capaz de oferecer, neste mundo globalizado e facilitador, um prazer diferenciado, que só ela mesma pode propiciar. Prazer que não pode ser substituído por outro. Prazer singular, sui generis. O prazer da descoberta do tanto de magia que as palavras, em sua possibilidade de construir histórias e arquitetar poemas, têm (RITER, 2009, p. 53).

Riter (2009) evidencia que proporcionar leitura por fruição na escola amplia o nível de letramento dos sujeitos, dando condições aos estudantes de atuarem no mundo globalizado, disponibilizando encantamento e prazer no ato de ler. Para que a leitura gere no estudante uma cultura experiencial. São significados e comportamentos que os alunos e alunas elaboram de forma particular, induzindo por seu contexto, em sua vida prévia e paralela à escola, mediante os intercâmbios “espontâneos” com os meios familiar e social que rodeiam a sua existência (SILVA, 2006, p.213).

Portanto, é necessário que ela não aconteça de forma improvisada ou quando sobre tempo, ou apenas quando convidamos alguém que tenha certa experiência em mediar leituras. Ela deve ser meticulosamente planejada e garantida no planejamento escolar dos docentes.

CADÊ O DELEITE LITERÁRIO NAS ESCOLAS?

Pensar numa cultura organizacional escolar promotora de leitura deleite é considerar a relação que todos os envolvidos naquele espaço têm com a leitura para o prazer. Ler por prazer em tempos de tantas exigências por elevação de índices nos parece a princípio tarefa desafiadora para a escola. Possivelmente, a leitura ainda não ocupe o lugar nobre dos planejamentos escolares, sobretudo quando o assunto é ler para o deleite literário.

A leitura por prazer deveria existir, enquanto porta de entrada para o encantamento na vida das pessoas, pelo simples motivo que Geraldi (1997, p.180) nos sinaliza: “talvez a entrada dos textos para a leitura em sala de aula tenha outras razões de ser: as razões efetivas pelas quais fora da escola buscamos textos”.

Proporcionar o prazer pelo viés da leitura exige ações focadas em leituras em que possamos ler por ler, sem exigir nada em troca. Segundo Yunes (1988, p. 54):

São diversas as variáveis que se alinham quando se trata da questão de despertar o gosto pela leitura. Não há como fazê-lo sem recursos e estratégias para a distribuição do livro, sem professores e bibliotecários que tenham descoberto o prazer de ler.

Os livros precisam sair das prateleiras das escolas para cumprirem sua função,

serem lidos, apreciados e, sobretudo manuseados. É de suma importância que as escolas viabilizem o acervo literário para que o professor realize seu trabalho com a leitura, juntamente com professores que também sentem prazer em ler para as crianças, sem cobranças, nem atividades que esvaziam o sentido do ler por deleite. As crianças que vivenciam a leitura deleite como algo leve e prazeroso se aventuram a partir dos textos como aponta YUNES (1988, p.59):

O interesse pela leitura decorre de ela não ser apresentada como um enigma, 'bicho-de-sete-cabeças' – que ela efetivamente tem, sem ser um bicho-papão. Uma leitura que se revela como uma aventura pelo texto valoriza o aspecto cognitivo, que carrega e desautomatiza o consumo mecânico da escrita; torna-se um convite à inserção do próprio leitor nas entrelinhas onde já se encontram as muitas outras vozes de outros textos lidos pelo autor, a cuja intertextualidade vem somar a do leitor.

De certo, na leitura realizada pelas crianças fora dos muros da escola elas encontram prazer na leitura, se divertem e se emocionam. Mas, o que tem faltado para que experiências prazerosas se façam presentes dentro dos muros da escola? Para contribuir com a tessitura deste texto, vejamos o que nos diz Alves (2008, p. 21) sobre a relação que a leitura deveria ter dentro do espaço escolar: “Acho que as escolas só terão realizado a sua missão se forem capazes de desenvolver nos alunos o prazer da leitura. O prazer da leitura é o pressuposto de tudo o mais. Quem gosta de ler têm nas mãos as chaves do mundo”.

É nessa relação em despertar o prazer pela leitura dita por Alves (2008) que cabe a instituição escolar investir em momentos destinados exclusivamente ao prazer na leitura. A leitura como espaço para o prazer, que possibilite ao estudante encontrar as chaves para o mundo, um mundo repleto de significações, imaginações e colorido, possibilitado pelo contato saboroso com textos literários. Ferrarezi (2014, p.77), esclarece que:

A leitura nas séries iniciais, aquela que a criança vai ter que fazer para se considerar alfabetizada, será a leitura que definirá seu gosto ou seu desgosto pelo ato de ler. E essa leitura que tem sentido para a vida da criança. Essa leitura tem que estar relacionada a algo da vida da criança, algo concreto, algo real, algo que interesse a ela e que lhe proporcione prazer.

Ler por prazer requer um olhar ampliado para a porta de entrada do texto literário na vida da criança, evitando o desgosto pelo ato de ler. Para isso, é preciso escutar os estudantes visando obter informações acerca de seus interesses, para que, posteriormente, durante o planejamento de mediações de leitura, eles sintam prazer ao entrar em contato com uma literatura relacionada a algo próximo de suas expectativas.

Será necessário que os professores estejam sensíveis a porta de entrada do texto literário, pois são esses gêneros que fisgam o/a aluno/a para o encantamento pela leitura fruição. Para a criança, é [...] no diálogo da leitura lúdica e polêmica que

a literatura pode oferecer, está à semente de sua condição de sujeito histórico [...] (YUNES, 1988, p.61). Foi também a constituição histórica do aluno que o levou a se identificar com aquele livro especificamente.

Precisamos também considerar o que Kefalás (2014, p.117) nos fala sobre o jogo presente no texto, vejamos: “[...] as estratégias presentes na escrita literária ou na obra para fisgar o leitor deixam de ser aproveitadas, manipuladas”. Cabe ao professor olhar mais devagar para o texto, escutá-lo com mais afinco, permitir que as palavras lhe digam muito mais do que seu sentido literal e buscar o “jogo do texto” aquilo que nos escapa se não nos permitirmos encontrar novas leituras proporcionadas pelo jogo do texto.

Mas, condições precisam ser dadas aos docentes para que eles promovam de maneira prazerosa a leitura e encontrem aquilo que tem deixado escapar nos textos. Caso eles não tenham vivenciado experiências prazerosas com os textos, caberá à formação continuada de professores/as promovê-las. Além de considerar que os professores precisam ter acesso aos livros que são enviados pelo Ministério da Educação através do Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE). Tal programa estimula o acesso aos livros na escola pública gerando uma cultura que incentiva o acesso a livros literários, disponibilizando gêneros diversos para a escola, tais como texto em prosa: crônicas, novelas, contos, biografias, entre outros, livros de imagens também compõem o acervo, além das histórias em quadrinho.

Gerar estímulo e prazer nos docentes é possibilitar que eles possam ter acesso aos livros que realizem suas escolhas, mas cabe à formação continuada de professores priorizar também a leitura deleite e não deixá-la em segundo plano. É dentro de uma cultura organizacional escolar que se pode construir, impulsionar o desenvolvimento de tempos e espaços promotores de leitura para o encantamento.

Pois, não poderemos omitir que o que construímos e desenvolvemos na escola está intrinsecamente enraizado nas percepções, valores, crenças, hábitos e pressupostos que temos sobre as coisas e que são a base que sustenta a cultura de uma instituição. Ou seja, neste caso específico, o que podemos perceber, valorizar e acreditar sobre o que é e o que pode ser a leitura de deleite na escola, será o que nos moverá para a sustentação de procedimentos que concretize a ação de uma Cultura Deleite na organização escolar.

Neste desígnio, o espaço escolar para promover essa cultura necessita garantir as crianças voz e vez, acerca da leitura deleite, no sentido de gerar prazer nelas ao se depararem com leituras literárias. Segundo Jobim (1994, p. 23) “[...] é a criança sujeito, autora de sua palavra que nos mostra os espaços sociais, a partir dos quais emerge sua voz, seu desejo”.

Em pleno século XXI, ainda tanto nos inquieta a manutenção de uma cultura do silêncio das crianças, particularizando aqui sua voz em relação às histórias que

são lidas em salas de aula. Para Ferrarezi (2014, p.15) “silenciar a boca, a pena, os ouvidos e a mente é um crime contra a vida”. Portanto, é preciso considerar a fala das crianças e possibilitar um ambiente dialógico na escola.

Oportunizar a fala às crianças é enxergá-las como sujeitos de direitos, capaz de opinarem, sugerirem, questionarem e, sobretudo, pensarem. É sabido que, historicamente, a escola tem uma longa trajetória na manutenção dessa cultura do silêncio. Para romper com esse modelo de silêncio da humanidade, precisamos considerar a escola na sua cultura organizacional e procurar entender como os processos educativos se dão naquela instituição. Segundo Silva (2006, p. 206):

[...] a escola é uma instituição da sociedade, que possui suas próprias formas de ação e de razão, construídas no decorrer da sua história, tomando por base os confrontos e conflitos oriundos do choque entre determinações externas a ela e as tradições, as quais se refletem na sua organização e gestão, nas suas práticas mais elementares e cotidianas, nas salas de aula e nos pátios e corredores, em todo e qualquer tempo, segmentado, fracionado ou não.

Não é possível intervir e avançar numa cultura da leitura para o deleite sem que antes nos voltemos, com respeito, à cultura da escola e ao cotidiano vivenciado dentro dela. Tal ação requer, sobretudo, conquista e respeito à trajetória dos sujeitos com a leitura por prazer. É preciso escutar a escola e perceber sua cultura, para que assim, possamos fortalecer a leitura prazerosa nela.

Mas, por onde anda o deleite literário nas escolas? Instituições abarrotadas de projetos e mais projetos, aprendizagens e mais aprendizagens. Terá a leitura, frente a tantas demandas, lugar privilegiado na rotina das escolas? Não nos cabem mais frieza e insensibilidade ao tratar de assuntos tão importantes para o desenvolvimento humano, a exemplo da leitura que gera encantamento e deleite.

Visando romper com a insensibilidade do fazer pedagógico das escolas, é preciso considerar que: “[...] práticas pedagógicas implicam necessariamente decisões e ações que envolvam o destino das pessoas, requerendo projetos que explicitem direção de sentido da ação educativa e formas explícitas do fazer pedagógico” (LIBÂNEO, 2005.p. 17). Conceber que estamos lidando com os destinos de pessoas é ter coerência nas práticas pedagógicas escolares, sobretudo se almejamos a apropriação de aprendizagens para além do cognitivo, ou seja, aprendizagens para toda a vida.

Gerar um ambiente educacional que leve a aprendizagens para toda vida é considerar conforme nos alerta Bourdieu e Passeron apud Silva (2006, p.206) ao dizer que: “[...] a escola tem desenvolvido um padrão cultural, não apenas de repetição de comportamentos, mas de desenvolvimento mesmo de raciocínios para a solução dos diferentes problemas e para a convivência”. A escola tem encontrado caminhos e para que possamos contribuir, neste caso, com a cultura da leitura para o deleite, é preciso considerar o percurso feito pela escola, com relação à leitura.

Mas, e os docentes, que relação prazerosa eles têm com o texto literário? Uma aproximação com a cultura organizacional escolar permitirá tirar conclusões acerca de como tem sido realizado o trabalho com a leitura deleite dentro das instituições escolares?

Relacionar a formação leitora dos estudantes com a ampliação do nível de letramento. Ela atribui à leitura que encanta um lugar de destaque na formação humana desses sujeitos. Visto que segundo Pinheiro (2006, p. 24) “Para se formar leitores não basta que os indivíduos saibam ler, é preciso que eles façam uso dessa habilidade”. Proporcionar o contato saboroso e prazeroso com os textos literários pelo viés da leitura deleite é gerar a isca, para que os estudantes façam uso dessa habilidade de leitura, como bem frisou Pinheiro (2006).

Se pensarmos no letramento em sua dimensão social, enquanto prática é interessante retomarmos nosso olhar para a cultura organizacional escolar, sobretudo como a instituição formal se relaciona com a leitura literária e a prática em seu ambiente formador. Ou seja, “Ler traz inegáveis benefícios. Qualquer tipo de leitura pode contribuir para a formação e o enriquecimento da bagagem cultural dos alunos, mas é a leitura literária que tem o maior poder de alargar os horizontes”. (SILVA, 2009, p. 131)

É a leitura literária que possibilita a criação mental de cenários e situações, quando nos deparamos com personagens, ampliando assim nossa visão de mundo. Como resultado, o sujeito tem contato com o texto literário, que por sua vez “se apoia na palavra, que é traduzida e visualizada pela imaginação do leitor. E é na mente desse leitor que o signo verbal se torna concreto” (SILVA, 2009, p. 131).

Dar vida à palavra do texto literário recebe um viés interessante se pensarmos o poder das palavras postas no texto. Na perspectiva de Larossa (2002, p.21), existe esse poder na palavra que afeta o ouvinte. O autor diz:

[...] creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras.

Realizar a leitura deleite exige do mediador uma dinamicidade, uma íntima relação com a palavra, certo treino, visando que ela, a leitura para o encantamento e deleite, nos afete de tal modo, que gere em nós experiência. Experiência aqui, na perspectiva de Larossa (2002, p.21), entendida como: “[...] o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui suscitadas nos confirmam que mudanças educacionais precisam surgir no que tange à leitura deleite, mas também nos mostram que é necessária uma aproximação com a escola, procurando entender sua cultura. Entender a cultura organizacional escolar é um princípio para que as mudanças ocorram, tendo como pano de fundo uma linguagem que interage com os sujeitos envolvidos. Isto é, torna-se premente desocultar as percepções, valores e crenças que temos sobre a leitura para o encantamento em contexto escolar para que se possam (des)construir uma outra cultura de aprendizagem leitora.

Entender os processos dos docentes com a leitura nos parece ser outro passo importante rumo à leitura que gera prazer, uma vez que só posso dar vida à leitura se esta foi e tem sido viva no processo de formação do docente. Como se tornar referência leitora se as experiências com a leitura não foram prazerosas?

Há um caminho a ser percorrido em busca do deleite literário. Este caminho deve ser iniciado pelo respeito ao outro e pela partilha e resgate do lugar que a literatura deve ocupar no desenvolvimento humano. Imprescindível se faz encarar a leitura, sem obrigações, no cotidiano escolar, mas sem abrir mão da organização dessa leitura, tendo sempre como principal objetivo, o encantamento.

É preciso retirar os livros das estantes escolares e colocá-los à disposição de todos/as, criar práticas de aproximação entre sujeitos e livros. Recriar uma Cultura de aproximação e encantamento do saber que desabrocha entre quem lê e o que é lido, ou seja, entre o leitor e livro. Afinal, eles foram feitos para serem lidos e apreciados. É na voz do/a professor/a que eles precisam ganhar vida e movimento, proporcionando reverberações naqueles que escutam essa voz. A boa leitura gera experiência, nos toca, fica em nós e traz referência leitora.

A interação entre professores e estudantes com os livros oportunizará a vivência de emoções, fascínio pela palavra bem escrita. Mas, condições precisam ser criadas, barreiras precisam ser superadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Ensinar, cantar e aprender**. Campinas: Papyrus, 2008.

_____, Rubem. Pensar. In: **Conversas sobre Educação**. Campinas: Verus Editora, 2004. p. 55-59.

GOMES, Thalles. **Madá e o jegue cantador** / Thalles Gomes; ilustrado por Robson Araújo. – Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2013.

JOBIM, e Souza, Solange. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Bejamin / Solange Jobim e Souza. Campinas, SP: Papyrus, 1994.(Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

KEFALÁS, Eliana. **Letras vivas: leitura literária e performance na formação do leitor.**
In:KEFALÁS, Eliana Oliveira,MORAES, Giselly Lima de, PEPE, Cristiane Marcela (orgs.) Leitura literária e mediação, Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, ALB, 2014. p. 117.

LIBÂNEO, Carlos José. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade.** São Paulo: Alínes, 2005.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** Editora Ática. São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, J. L. **O conceito antropológico de Cultura.** Universidade Católica de Brasília. 2015.

ORTHOF, Sylvia. **Maria vai com as outras.** Editora Ática, 2008.

Rogério Tílio. **Reflexões acerca do conceito de cultura.** Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. V. VII, n. XXVII, PP. 34-46. 2009.

SILVA, F.C.T. **Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa.** Educar, Curitiba, nº 28, p.201-216, 2006. Editora UFPR.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura Literária & outras leituras – impasses e alternativas no trabalho do professor / Vera Maria Tietzmann Silva.** – Belo Horizonte: RHJ, 2009

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

YUNES, Eliana. **Leitura e leituras da literatura infantil / Eliana Yunes, Glória Pondé.** – São Paulo: FTD, 1988.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME - Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Arraias. Coordenador Substituto do Curso de Pedagogia. Representante Docente no Conselho Diretor. Membro do Comitê Interno de Assessoramento do Programa Institucional de Iniciação Científica/UFT. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia” e membro do Grupo “Laboratório de Formação de professores e práticas dialógicas na Educação- Lapedi - UFT”. Tem Pós-Doutorado em Educação, 2018 (FACED/UFU). Doutor em Educação, 2016 (UNESP/Marília). Mestre em Educação, 2010 (FACED/UFU). Graduado em História, 2007, Bacharelado e Licenciatura (UFU), Bolsista IC/CNPq (08/2004 a 08/2007) integrando ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em História e Historiografia da Educação (NEPHE/FACED/ UFU). Graduado em Pedagogia, 2013, Licenciatura, pela Universidade de Uberaba (UNIUBE). Durante o mestrado, foi bolsista CAPES; Secretário da Revista Cadernos de História da Educação (NEPHE/FACED/UFU); representante Discente no Conselho da Faculdade de Educação (CONFACED); representante Discente nos Conselhos Superiores: CONSUN (Conselho Universitário) e CONPEP (Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação); membro do CONAD (Conselho de Administração do Hospital de Clínicas da UFU); membro da CPAUFU (Comissão Própria de Avaliação da Universidade Federal de Uberlândia); membro da Comissão de Revisão do Estatuto e do Regimento Geral da UFU; eleito Coordenador Geral da APG-UFU (Associação dos Pós-Graduandos da Universidade Federal de Uberlândia) biênio 2008/2009. Desenvolve pesquisa na busca, identificação e catalogação de fontes primárias para a História da Educação como jornais, periódicos, atas, imprensa, leis, relatos, levantamento de acervos públicos e particulares, entre outros, tendo como foco a História Local e a História das Instituições Escolares, assim como efetiva participação em cursos de Especialização (lato sensu) voltados para a formação de professores com foco na gestão, organização, planejamento, orientação e avaliação na Educação Básica.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem Colaborativa 95

Autonomia 10, 22, 61, 69, 75, 85, 86, 95, 98, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 111, 112, 143, 144, 156, 166, 167, 173, 176, 180, 183, 191, 192, 198, 233, 265, 285, 287, 305, 311

Avaliação 35, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 47, 48, 56, 57, 58, 74, 102, 104, 105, 136, 139, 143, 144, 145, 146, 149, 154, 160, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 184, 187, 192, 271, 327

B

Banco Mundial 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38

C

Cefapro 1, 2, 7, 12, 49

Contemporaneidade 20, 68, 104, 108, 109, 111, 114, 264

Currículo 11, 14, 15, 40, 42, 62, 68, 70, 75, 76, 77, 79, 80, 124, 136, 144, 145, 147, 151, 153, 155, 157, 167, 190, 223, 225, 226, 229, 300

Currículo escolar 14, 42, 62, 167, 190, 223

Currículo questionador 70

D

Documentários 158, 160, 161, 162, 163, 167, 168, 266, 272

E

EaD Online 49, 50

Educação Física 72, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Educação Inclusiva 230, 231, 232

Educação Integral 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 69

Ensino de Ciências e Biologia 208

Ensino de matemática 49

Evolução Biológica 208, 211, 212, 213, 215, 216, 218

F

Formação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 47, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 70, 74, 75, 78, 79, 82, 90, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 120, 122, 123, 125, 127, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 168, 169, 172, 181, 182, 183, 184, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 234, 245, 246, 249, 250, 261, 263, 264, 272, 276, 279, 282, 284, 285, 286, 287,

290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 304, 307, 308, 310, 311, 312, 317, 318, 319, 325, 327

Formação Continuada 1, 3, 4, 5, 6, 12, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 38, 39, 41, 47, 49, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 67, 99, 145, 191, 192, 290

Formação Continuada de Professores 1, 4, 6, 14, 15, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 38, 53, 57, 58, 191, 192, 290

Formação de professores 14, 18, 22, 30, 31, 32, 33, 36, 50, 55, 57, 59, 148, 149, 151, 155, 156, 157, 169, 181, 182, 185, 191, 208, 218, 221, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 261, 282, 318, 327

Formação docente 7, 31, 63, 66, 148, 158, 159, 160, 162, 165, 168, 201, 307

Formação do professor de Matemática 147

Formação humana 4, 135, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 183, 223, 225, 226, 227, 229, 292

G

Globalização 18, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 34, 36, 38, 168, 222, 250, 261

H

Histórico da educação 70, 163

I

Inovação Pedagógica 12, 95, 97, 98, 100, 102, 104, 105

Interdisciplinaridade 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 19, 198, 276

L

Licenciatura 14, 20, 21, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 211, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 229, 232, 234, 327

M

Matemática 16, 23, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 49, 51, 53, 55, 56, 58, 59, 108, 123, 137, 144, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 167, 254, 321, 322, 325, 326

Metodologias educacionais 70

P

Papel do educador 70, 75

Planejamento 1, 2, 3, 9, 13, 34, 36, 50, 55, 57, 97, 99, 100, 104, 143, 168, 185, 187, 189, 190, 203, 204, 275, 284, 288, 289, 325, 327

Políticas públicas em educação 14

PPC 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157

Prática enquanto componente curricular 230

Práticas avaliativas 39, 43, 44, 170, 171, 174, 176, 177, 179

Práticas de pesquisa 181, 182, 186, 191, 193

Problematização 10, 52, 66, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 167, 168, 192, 255
Programa Mais Educação 60, 61, 65, 66, 67, 68, 69

Q

Qualidade social da educação 135, 139, 140, 143, 145

R

Reflexão 4, 5, 6, 15, 17, 18, 19, 21, 43, 52, 65, 75, 77, 78, 108, 109, 111, 114, 118, 121, 123, 144, 148, 156, 161, 165, 170, 175, 178, 184, 189, 190, 191, 198, 204, 225, 226, 230, 231, 232, 234, 237, 248, 249, 250, 251, 258, 260, 264, 266, 271, 278, 286, 307, 308, 314, 317, 318, 325
Responsabilidade na educação 70

S

Significados 170, 174, 175, 176, 179, 217, 251, 254, 255, 256, 286, 288, 299, 309, 314
Sujeito crítico 17, 71, 108, 109, 110, 114
Supervisão educacional 135, 142

T

Tecnologias Digitais 49, 51, 54, 55, 56, 58, 59, 95, 98, 99, 103, 104, 106, 268
Trabalho docente 14, 20, 25, 31, 47, 152

W

Webquest 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192

